L. N. d'A. 12 +

P-3047

A VIUVA DO COMMANDANTE

COMEDIA EM 2 ACTOS

BIBLIOTHECA NACIONAL DE GOA

NOVA GOA

Typographia das Casa Luso-Franceza

1901

13

Personagens

Thomaz d'Aquino, jornalista
Laura, mulher de Thomaz
Dorothea, mãe de Laura, viuva do Commandante
Ligorio d'Andrade, amigo de Thomaz
Soror Lucy, irmã de caridade.
Um alfaiate.

14

A VIUVA DO COMMANDANTE

(Comedia em 2 actos)

Acto Primeiro

DECORAÇÃO

Escriptorio d'um jornalista e sala de visitas ao mesmo tempo. Portas ao fundo e lateral, e janella d'outro lado.

SCENA 1.ª

(Thomaz escrevendo artigos para jornaes.)

Ligorio — (apparecendo á porta) Dás licença, Thomaz?

Thomaz — Oh! Ditosos os olhos que te chegam a ver. Entra e vem dar-me um abraço de infinita saudade. *(abraçam-se)* Toma assento... como estás, meu amigo?...: quando voltaste do teu *tour* pela terra de promissão?

Ligorio — Obrigado. Por favôr de Deus volto sadio e sem menor incommodo. E' o paquete allemão que me cuspiu hontem para estes desertos, de volta da terra de promissão.

Se não fôra um certo pendôr que innatamente nos arrasta para o berço que nos embalou, e para as paisagens que fizeram as delicias da nossa infancia, não haveria forças humanas que me arrebatassem áquelle tur

15

bilhão de impressões sempre novas, variando d'uma cidade á outra, d'um quarteirão a outro, d'um edificio a outro. Quando se desembarca novo em qualquer de tantas cidades que hei percorrido, um, como eu, que vae de Gôa, sente-se pequeno á vista d'aquella grandeza e magnificencia dos edificios, não só dos modernos, mas dos antigos tambem, que nada invejam aos mais celebres da Europa; á vista do formigueiro das populações, do movimento vertiginoso do commercio, da actividade febril da industria e, por fim, á vista da infinidade de raças e crenças religiosas.... mas, dize-me, não me escreveste que eras casado?

Thomaz — Sou.

Ligorio — Como está tua noiva? Francamente, admirou-me esta noticia que, se não fôra dada por ti, não acreditaria; deve ser poderosa a santa que conseguiu a tua conversão. E que fizeste de tuas crenças dos tempos idos a respeito do bello sexo?

Thomaz — Não hei de furtar-me ao primeiro ensejo que se me offereça, para fazer publica a minha nova profissão de fé n'este assumpto.

Ligorio — Prevejo que a santa que conseguiu esta conversão possue dotes sobrenaturaes: quizera ter a honra de lhe ser apresentado como teu amigo.

Thomaz — Não tardará...provavelmente está mudando o fato, porque voltou ainda agora de prestar homenagem de respeito e saudade á memoria de seu pae, cujo decesso faz hoje um anno.

Ligorio — E' orfã?

Thomaz — De pae só.

Ligorio — E a mãe?... tem mais filhos?

Thomaz — Não tem. Vive aqui com a filha.

Ligorio — Ah! Tens tambem esta prenda em casa?

Thomaz — Fez parte do canistrel nupcial da filha.

Ligorio — Não te felicito por isso.

SCENA 2.ª

(Entra Laura e Ligorio vae cumprimental-a)

Thomaz — E' o Sr. Ligorio d'Andrade, meu amigo. E Laura, minha mulher.

Ligorio — Felecito-me pela honra que tenho de apertar a mão á digna esposa de meu velho amigo. (*a Thomaz*) Aposto, meu amigo, que não desacertei nas minhas previsões. Só uma deidade podia conseguir a conversão do demonio. Desculpe-me, Sr.ª, esta familiaridade de amigo velho.

Laura — Tenha a bondade de se sentar.. (*sentam-se*) Meu marido, muitas vezes, fallava no senhor. Quando voltou da sua viagem?

Ligorio — Cheguei hontem, minha senhora, e a primeira visita quiz fazel-a ao meu velho amigo, sobretudo para conhecer a causa que tinha determinado a conversão de tão grande atheu que eu suppunha irremediavelmente perdido para a fé.

Laura — Passeiou muito? Deve ter visto muitas maravilhas.

Ligorio — Percorri quasi todas as cidades da India e, ultimamente, fui parar em Ceylão, d'onde vim directamente para a casa. Vi muitas maravilhas de arte, porém, da natureza muitos poucas, e como V.Exª. nenhuma.

Laura — Agradeço a lisonja, Sr. Se cá estivera minha mãe com certeza que lhe tomava uma amisade eterna, só por estes conceitos que por extrema delicadeza tem avançado immerecidamente.

SCENA 3.ª

(*Entra Dorothea com uma fazenda de vestido na mão*)

Dorothea — Laura! não mandas talhar este ... (*interrompe-se vendo Ligorio*) Perdão, Sr.; suppunha que ella estava só. (*fazendo geitos de retirar-se*)

Ligorio — Não importa, minha Srª., não se retire por mim que sou tambem quasi de casa e, porisso, quero ter a honra de beijar a mão de V. Exª. (*vae e beija a mão*) Ainda agora estavamos fallando de V.Exª. A Srª D.Laura teve a amabilidade de dizer que se V. Exª estivesse presente cá, *in limine* me dispensaria amisade eterna.

Dorothea — Quem ...

Laura — E' o Sr. Ligorio d'Andrade, amigo do Thomaz.

Dorothea. — Ah! E' militar?

Ligorio — Não senhora, sou um simples paisano. Mas muito me arrependo de ter resistido aos desejos do meu pae que me queria ver de farda militar, porque tinha a certeza de não desmerecer a estima de V.Exª, que tanto ambiciono.

Dorothea — O que foi seu pae então?

Ligorio — Foi official da secretaria do Governo Geral.

Dorothea — Sim? Isto é que é; official! isto sim! Que bella figura que havia de fazer com a banda e a espada! O meu Joaquim, coitado! morreu antes de lá chegar.

Thomaz — Minha sogra é viuva do commandante da extincta fortaleza de Corjuém.

Laura — A mamã equivocou-se. O pae do Sr. Ligorio foi official da secretaria, e os officiaes da secretaria não usam banda.

Dorothea — E' o mesmo. Era official e basta. Então era necessario que fosse á secretaria com a banda? Havia de ir como lhe fosse mais commodo.

Laura — (*rindo-se e os mais tambem*) Não, mamã; não era militar.

Dorothea — Que dizes tu, tonta. Era official e não era militar? Suppões, porventura, que estou tão velha que não comprehenda o que é official e não é official? (*augmenta a hilaridade*)

Laura — Não, mamã.

Dorothea — Ora fica tu com a tua, que não me embaças tão facilmente. (*sahe arrebatadamente*)

Laura — (*acabada a risada*) Com licença, vou assignar as pazes com a Mamã. (*sahe*).

Ligorio — (*levantando-se, para Thomaz*) Meu caro, dispensa-te de theatros, que tens comedia viva em casa.

Thomaz — Prouvera a Deus que fosse só isso!

Ligorio — Então tens de tragico tambem?

Thomaz — Não digo que sim, mas póde lá chegar.

Ligorio — Que ha então?

Thomaz — Já viste a fazenda com que se fez apresentar na sala?

Ligorio—Sim, era um vestido, creio eu, que queria que a filha talhasse.

Thomaz—Não tenho ainda cinco mezes completos de casado, e é o quinto que ella manda talhar á filha que ainda não desdobrou todos os do noivado.

Ligorio—Sim? forte mania!

Thomaz—Entende que sua filha, como filha do commandante que é, devo comprar todos os vestidos que agradarem, não para ella que, coitada, nem desejá, nem approva estes desmandos, mas para si que é uma verdadeira encarnação do luxo e do amôr proprio. Cheia de si pelo honroso titulo do marido, que difficilmente conseguira sua reforma em furriel, não tem mãos a medir nos gastos que bom seria fossem de economia propria que é problematica.

E para cumulo, aquelles pestiferos ventos do malfadado tratado de sal e abkary arribaram para estas nossas terras, até lá tão modestas e economicas, bandos e bandos de bufarinheiros, uns verdadeiros abutres que, pairando de porta em porta, com fazendas ordinariamente avariadas, nos descarnam até desnudarem completamente os ossos. São elles os fornecedores d'este camafeu que já os conhece a todos, tanto que não duvidam vender-lhe fiado tudo quanto ella quizer, ao passo que, a mim, tenho fé, não confiariam uma simples vara de fita.

Scena 4.ª

(*Entram Laura e Dorothea com a fazenda de vestido na mão*)

Dorothea—Não acha, Sr. Ligorio, não hão de quadrar bem com esta côr uns bofes de tule côr de rosa?

(*Laura, fazendo signaes affirmativos a Ligorio*)

Ligorio—Certamente, minha sr.ª V.Ex.ª tem muito bom gosto.

Thomaz—(*á parte*) Não póde haver gosto mais depravado.

Dorothea—(*á filha*) Eu entendo que tu deves comprar já um chapeu novo para amanhã não fazeres triste figura; tens de apparecer com decencia que coadune com a condição de filha do commandante. (*a Ligorio*) Vae á festa do Apostolo, amanhã?

Ligorio—Pois não?.... posso, porventura, faltar á festa tão universal em Gôa? O meu carro está a disposição de V. Ex.ª

Dorothea—Tem carro? Pois, vamos todos juntos.

Ligorio—Pois, sim senhora, muito prazer me darão com isso; mas, a respeito do chapeu que pretende para a Sr.ª D. Laura, consinta que observe que não é permittido o uso de chapeus no templo quando ha exposição do Divinissimo.

Dorothea—Quem não permitte? (*voltando-se para o genro*) Isto então está dependente d'alguem?

Laura—Sim, mamã; o decreto synodal prohibe o uso do chapeu.

Dorothea—Já lá estás outra vez a impingir-me novidades, como s'eu fosse tôlta para te acreditar; pois sabes tu o que é o decreto? (*Laura ri-se*) Ahi está. O decreto é o que extinguiu a fortaleza que teu pae commandava e não é isto que tu vens dizer a respeito de chapeus.

Laura—Sim, mamã ... é decreto synodal.

Dorothea—Ora não me tomes por tôlta! (*sae arrebatadamente*)

Acto Segundo

Decoração

A mesma do 1.º acto

Scena 1.ª

Dorothea—(*sentada na cadeira*) Não sei o que pensar da minha posição n'esta casa...com esta é a terceira vez .....a tal abelha faz picar as sogras...se bem que não diz meu nome, mas é para mim que se dirige, está visto; porque o meu genro, tenho notado, não gosta de mim e são estes insultos que põe-se a escrever todos os dias.

Quem mais póde ser? Quem mais póde ter interesse em me insultar assim publicamente nas abelhas? E' para isto que ellas servem. O meu Joaquim tambem dizia que aquella que elle lia insultava todos os dias o barão que era governador então. Mas eu não quero fazer caso d'isto, assim como o barão não fazia. Não convem que uma viuva do commandante se rebaixe a responder a similhantes maledicencias. Que entende este senhor meu genro? Suppõe que casou com a filha d'um commandante para fazer d'ella dispenseira da sua casa?.... Certamente que não gosta de mim, porque eu quero que minha filha se vista e se apresente entre gente como filha do commandante que é; d'alli é que nascem estes insultos.

SCENA 2.ª

Ligorio — (entrando) Parabens, minha sr.ª *(beija a mão)* Como está a nossa recemnascida?

Dorothea — Está bem, obrigada. Foi ouvir missa por ser hoje seu dia natalicio.

Ligorio — E o sr. Thomaz tambem foi?

Dorothea — Não, senhor. Está-se vestindo. Mas diga-me, Sr. Ligorio, sabe ao certo se Thomaz mandou talhar para mim aquelle vestido?

Ligorio — Tanto estou certo que ainda agora fallei com o alfaiate que me disse que viria d'aqui a bocado.

Dorothea — *(com enthusiasmo)* Que diz? E o Sr. viu o vestido?

Ligorio — Não, sr.ª... não vi, porque eu tambem queria ter a agradavel surpreza de o ver depois de usado por V.Ex.ª

Dorothea — Sim... uma filha do commandante deve vestir-se á altura da sua condição; assim como a uma viuva de commandante não convem que se vista como saloia; deve ter seu traje proprio. Que bem que ficava aquelle traje áquellas duas senhoras!

Ligorio — E' verdade... até incute respeito á gente, quando se veste assim.

Dorothea — E' a verdade. Mas viuva do commandante não é qualquer gente, tem seu renome.

SCENA 3.ª

(Entra Thomaz e Dorothea vae para dentro)

Ligorio — Parabens, meu amigo. Quizeste estar prompto antes que voltasse tua esposa de missa? Fizeste bem.

Thomaz — Obrigado. Antes que ella volte tenho de ir á redacção revêr uns artigos e mandar compôr outros que levo promptos. Entretanto, ficas entretido com a minha sogra.

Ligorio — Obrigado da bella companhia que me dás; eu tambem tenho de ir a uma ou outra repartição, d'onde espero voltar a tempo. Mas, antes d'isto, uma confidencia indispensavel: tenho preparado uma surpreza agradavel para a tua sogra, mas foi em teu nome, o que tu me deves levar a bem.

Thomaz — Mas dize lá o que é, que é bom que se saiba, porque é negocio com minha sogra.

Ligorio — E' o seguinte: o outro dia, estando eu e tua sogra em conversa que, como sabes, não podia ser senão de trajes e fatos e modas, tua sogra foi á janella e viu passar duas senhoras egualmente vestidas; gostou dos vestidos que ellas tinham usado e que eram inteiramente similhantes. Pergunta-me: que senhoras são aquellas? Respondi que eram viuvas de dois commandantes que foram d'Artilheria e da Guarda Municipal. Mostrou-se tão enleiada que adevinhei que ella desejava vestir-se assim por ser tambem viuva de commandante. Prometti-lhe fallar-te sobre o vestido e por minha conta fiz apromptar este vestido tanto do seu gosto e disse-lhe mais que tinhas recommendado ao alfaiate para o trazer hoje impreterivelmente, para dares este gosto á tua esposa e sogra, n'este agradavel dia.

Thomaz — Mas tu que diabo foste cahir mais n'estas despezas por tal camafeu que póde querer muito ainda!

Ligorio — Não te dê cuidados isto. Peço só que tu e tua esposa me desculpeis isto. Desculpas, sim?

Thomaz — Que remedio tenho eu? Não és amigo?

Ligorio — Obrigado. Vae para a redacção e deixa o resto a meu cargo.

Thomaz — Até logo, pois.

Ligorio — Até logo. Eu tambem te sigo, mas antes d'isto quero prevenir a tua sogra. (*sae Thomaz*) Até aqui vae bem, receio só que fique offendida a filha, mas isto não ha de ser comigo. O Thomaz já se comprometteu a perfilhar e espero que o fará com muito gosto.

Scena 4.ª

(Entra Dorothea)

Ligorio — Adeus, minha senhora... volto breve, até então tem V. Ex.ª tempo para ajustar o vestido, porque o alfaiate não póde tardar.

Dorothea — Sim sr. Se passar pela officina diga a elle que traga já o vestido que minha filha não póde tardar.

Ligorio — Sim, senhora; mando-o já, até logo. (*sae*)

Dorothea — Agora sim... assim hei de poder apresentar-me n'esta cidade com decencia propria de minha condição. E o meu Thomaz que tão promptamente mandou talhar aquelle vestido, era incapaz de escrever aquelles insultos contra sua sogra que elle estima tanto como sua mulher, porque assim como a ella nunca negou vestidos, a mim tambem não o recusa; a primeira vez que lhe fiz sentir o meu desejo, satisfel-o immediatamente.

Scena 5.ª

(Entra o alfaiate)

Dorothea — Quem és tu? Trazes o vestido?

Alfaiate — Sim, senhora.

Dorothea — Pois traz cá depressa. Quanto tardaste!... minha filha está para chegar... vem (*leva-o para dentro e ajusta-lo o vestido, sae o alfaiate e depois Dorothea, despindo o vestido novo*) Isto sim, entende-se! Estou satisfeita com o meu genro que é um rapaz bem formado ... aquelles escriptos não podem ser obra d'elle, hão de

ser de algum malcreado. (*apparece Ligorio á porta*)

Scena 6.ª

Ligorio — (*entrando*) De que malcreado falla V. Ex.ª?

Dorothea — D'aquelle que escreve nas abelhas aquelles insultos contra sogras.

Ligorio — Insultos contra sogras e escriptos nas abelhas? As abelhas que entendam, porque ha de ser para sogras abelhudas que se escrevem... Dar-se-ha o caso de V. Ex.ª entender o que escrevem as abelhas?

Dorothea — Não, senhor,.... eu não sei ler aquellas garatujas; mas é minha filha quem m'as lê.

Ligorio — Então a Sra D. Laura entende o zum zum das abelhas?

Dorothea — Entende, sim Sr., ella m'as lê todos os dias.

Ligorio — Mas como, senhora? A que horas, aonde lê? Tem sempre abelhas em casa?

Dorothea — Ora o sr. faz-se tão desentendido! (*vae, traz alguns numeros d'O "Heraldo" e ativa*) Tome ... aqui tem... faça favôr de ler.

Ligorio — Ah! Ah! Ah! São estas as abelhas de que falla a senhora?

Dorothea — Eu não sei... O meu Joaquim tambem lia uns papeis assim que chamava abelhas; e por signal de Bombaim. Agora se estas por serem de Goa são differentes d'aquellas abelhas, não sei.

Ligorio — Sim, sr.ª; são abelhas, mas pouco differentes das de Bombaim. Vejamos (*corre a vista pelo jornal e lê vindo-se*) "Calino encontrou um amigo trajando lucto rigoroso; perguntou.—Homem tu assim de preto? —E' verdade... responde o amigo, minha sogra.... —Morreu? Peior, meu amigo, peior, passou a morar comigo. (*Dorothea sacca das mãos o jornal*)

Dorothea — As abelhas de Bombaim e d'aqui são todas a mesma coisa.

Ligorio — E' verdade, senhora, (*sorrindo-se*) são todas a mesma coisa... fazem troças de muito máu gosto.

Dorothea — Mas o que me amofina mais é que isto se-

ja obra do meu genro que todo o tempo se occupa em escrever para as abelhas. Mas não póde ser elle . . . sempre tem sido attencioso para mim e demais, até não se oppôz para eu ter um vestido novo hoje, não acha?

Ligorio — Certamente. Elle é um admirador de V.Ex.ª Não se farta de repetir que V. Ex.ª tem muito bom gosto.

SCENA 7.ª

(*Entra Thomaz e retira-se Dorothea*)

Thomaz — Com que não te dispensaste da companhia que me agradecias? (*sorrindo*)

Ligorio — Tenho pena de não ter passado aqui todo o tempo que gastei nas enfadonhas repartições publicas, pois um só quarto que te precedi, passei-o em permanente hilaridade.

Thomaz — O que houve, então, para te divertires tanto?

Ligorio — Um enxame de abelhas picavam devéras tua sogra.

Thomaz — Que! . . . abelhas aqui? (*rindo-se*)

Ligorio — Ainda ahi estão. (*apontando para os jornaes*)

Thomaz — Ah! são estas as abelhas que picaram minha sogra? Que ha ahi que a espicaçasse? Dizem alguma cousa de minha sogra (*serio*)?

Ligorio — Se dizem! (*apresentando o numero que lêra*)

Thomaz — (*lendo em silencio*) Ah! ah! Encavacou-se com isso?

Ligorio — Oh! Raios e coriscos te fulminariam, meu amigo, porque ella suppunha que eras tu quem escrevia diatribes contra as sogras, por estares mal com a tua, se eu não accudisse com o pára-raio de surpreza que tu lhe preparaste, o que servia de argumento convincente para demonstrar que não podias ser tu o malcreado, como ella classificou, que escreveu taes insultos.

Thomaz — Não te agradeço, por isso; pois antes desejava que se convencesse que era minha a obra, para ver se aquelle mocho, espicaçado pelas abelhas, desferia um vôo até ás ruinas da extincta fortaleza do seu commandante.

SCENA 8.ª

(*Apparecem Laura e Soror Lucy*).

Ligorio — Lá vem a Sr.ª D. Laura e traz companhia de mais uma senhora; faze tu as honras de casa.

Thomaz — (*volta-se e vae comprimentar a Lucy*) (*á parte*) Agora complicou-se o negocio. (*á Laura*) Tenho a honra de felecitar a V.Ex.ª pelo tão prasenteiro dia, em que até a natureza parece vestir-se de galas para festejar o auspicioso natalicio de V.Ex.ª

Laura — Obrigada, sr. Tenho a honra de apresentar a irmã sr.ª D. Lucy, minha amiga.

Ligorio — Muito me honro e julgo-me felecissimo por ter tido este ensejo de cumprimentar a uma santa. E' verdade que nunca tive a fortuna de conhecer pessoalmente a V. Ex.ª, mas a fragancia de suas virtudes tem-na tornado conhecida em todas as camadas da nossa sociedade.

Thomaz — Tenham a bondade de sentar-se (*sentam-se e Laura vae procurar sua mãe e volta com algum tempo emquanto os 3 se entretêm em primeiros cumprimentos*).

Laura — (*entra e dirigindo-se ao esposo*) Mamã não me recebe . . . diz que se está vestindo . . . provavelmente prepara alguma surpreza agradavel á filha.

Thomaz — E' possivel.

Ligorio — Que diz V. Ex.ª? Que a mamã prepara surpreza á V. Ex.ª? Pelos modos, já me tinha parecido.

Dorothea — (*vestida de irmã de caridade, entra rugarosa*) Laura!

Laura — Mamã! (*ri-se no primeiro momento, mas logo se volta a Lucy*) Desculpe, senhora, não supponha allusão á V. Ex.ª. Minha mãe ignorava que V. Ex.ª estivesse cá.

Lucy — Bem sei . . . era um brinco que preparou para divertir a filha.

Laura — (*á parte, á mãe*) Que lembrança, mamã! Venha. (*leva-h'a para fazer apresentação da irmã*) E' a irmã sra. D. Lucy.

26

Dorothea — E' irmã? Não é viuva do commandante?

Ligorio — (*á parte*) Não sei como sahir d'esta entalação!

Laura — Não, mamã, não é viuva, é irmã de caridade.

Dorothea — Que dizes tu? (*com calôr*) Conheci os commandantes Pinheiro, Espinola, Theodosio e muitos mais, mas nenhum que se chamasse Caridade. (*á parte*) Isto parece uma impostura. (*alto*) Oh Sr. Ligorio, conhece esta senhora.

Ligorio — Sim, minha senhora; (*fazendo ao mesmo tempo signal a Lucy, significativo do desequilibrio mental de Dorothea*) conheço. E' viuva do commandante Theodosio Caridade Pinheiro.

Dorothea — Diga, isto! Póde ser que o commandante Theodosio tivesse tambem nome de Caridade. Mas então porque diz que é irmã?

Ligorio — Porque é viuva de um commandante e irmã de outro. (*Laura levanta-se com sua amiga, riudo-se e passeiam*)

Lucy — E' claro que tua mamã anda mal de cabeça; é bom que a leves ao Hospital para consultar os doutores que são muito entendidos. Permitte-me licença, que devo estar no Hospital, pois é quasi uma hora.

Laura — Já? Toma ao menos um copo de vinho e come um bolo.

Lucy — Agradeço. Nada posso comer nem beber antes de jantar. (*despedindo-se de Thomaz e Ligorio e chega-se a Dorothea*) Adeus, minha sr.ª; no Hospital, quando lá fôr, póde contar com uma amiga muito dedicada.

Dorothea — Que! No hospital? Vá a senhora, que eu até hoje, por favôr de Deus, gosó de saude e tenho a cabeça no logar!!!

Laura — Não é assim, mamã! Eu disse á Sr.ª que eu e a mamã haviamos de ir passear o hospital.

Dorothea — Já vens tu com a tua. J'ódes ir e lá ficar, que eu não preciso de ir ao hospital. (*sae arrebatadamente*)

FIM

P-3048
5 27 37

L. N. d'A.

O FILHO DO MESTRE JORGE

DRAMA EM 3 ACTOS

BIBLIOTHECA NACIONAL DE GOA

NOVA GOA

Typographia das Casa Luso-Francesa

1901

Personagens

José, *filho do mestre Jorge do Rego*
Maria, *mulher de José*
Dr. Miguel, *medico*
Luiz, *aprendiz de carpinteiro*
Pedro de Mello, *proprietario do estabelecimento*
Antonio, *operario da officina de Pedro*

A acção passa-se em Goa

O FILHO DO MESTRE JORGE

(Drama em 3 actos)

Acto 1.º

Decoração

O theatro representa uma modesta casa de carpinteiro com tôrno e pedra de afiar. Portas ao fundo e lateral.

Scena 1.ª

Levanta-se o panno e vê-se José resonando n'uma esteira em posição descomposta. Os instrumentos dispersos e o saco de instrumentos em outra parte. Dão-se 6 1/2 no relogio do visinho; José, como que galvanisado, salta de cama, enxuga-os olhos, espreguiça-se, reune os instrumentos e vae afial-os na pedra.

José — Que desgraçado vicio que me pegou? Em dando seis de tarde não tenho mão em mim. Que aguas que sinto na bocca! Que vontade irresistivel! E em começando, nem Deus, creio eu, terá poder sufficiente para me obrigar a fazer ponto, até que eu mesmo ignoro o como venho a parar n'esta minha casa: o que é um favôr, pois podia ter cahido na rua e ficar sem a minha ferramenta, se não ficasse com um braço ou uma perna de menos. O que seria então de minha pobre mulher e filho? Este é ainda innocente e não comprehende a sorte que o espera

n'este mundo; porém, tenho pena d'ella que, apezar dos ralhos e sermões que me prega, é digna de commiseração. Não tem ella porventura direito de se queixar do seu esposo que, antes de 3 mezes de casado, deu-se em bêbedo como nenhum outro? Não tem ella razão de chamar-me parricida? Não foram os desatinos meus que apressaram os preciosos dias do meu infeliz pae? *(enxuga uma lagrima e ouvindo o relogio que dá 7 horas)* Oh! E' tarde, devo correr para chegar a tempo. *(recolhe a ferramenta no sacco e sae a correr)*

Scena 2.ª

Maria — Que pena! Foi-se, sem ao menos tomar canja. A refeição dar-lhe-ha o patrão ao meio dia; como agutará até lá com o trabalho quem desde meio dia de hontem não tomou nenhum alimento?

Certamente; com a vaia que lhe dei á noute, e da qual muito me arrependo, não se atreveu a pedir-me que lh'o aviasse; e eu que passára toda a noute em vigiar-lhe a respiração, quasi estertorosa, infelizmente, á ultima hora, para fazer dormir ao meu filho, tambem dormi. Que desgraçada que sou! Que é isto que sinto! *(levando a mão direita ao peito)* Elle ao menos comerá ao meio dia, que eu nem agora, nem ao meio dia poderei tocar sequer nos alimentos. E' o remorso... Não fiz bem em ralhal-o. Todo o esforço devia empregar antes que lhe pegasse o vicio. Mas como? Eu e o meu sogro sabiamos, descontiavamos, porventura, que aquelles rapazes que vinham procural-o aos domingos, a pretexto de irem ao templo para santificação; era para o levarem ás tascas?... Agora é baldado o empenho. Nem elle lhe poderá resistir, mesmo que o queira. *(entra o aprendiz Luiz)*

Scena 3.ª

Maria — Que queres, meu rapaz?

Luiz — Venho procurar o martello e a lima do mestre José.

Maria — Disse-te onde ficavam?

Luiz — Nem elle sabe onde esqueceu. Disse-me que procurasse em casa. *(ambos andam procurando)* Aqui está o martello.

Maria — E a lima cá tem. Espera, rapaz. *(vae dentro e volta com uma ápa embrulhada em um lenço e entrega a Luiz)* Dá isto ao mestre José e dize-lhe que o espero logo depois de 6 horas, isto é, depois de sahir da officina. Dize-me, oh Luiz! O mestre está trabalhando ou está dormindo?

Luiz — Não Sr.ª, trabalha como sempre, com a habitual actividade.

Maria — Graças vos dou, meu Deus *(levantando os olhos ao céu)*. Vae, rapaz. *(entra pela porta lateral)*

Luiz — Pobre Sr.ª! E' bom que ignore o golpe que a espera. As más novas quanto mais tarde, dizia meu pae, se as não pudér calar. O patrão já não gosta d'elle e com razão, porque elle pouco ou nada trabalha presentemente. Se o tolera até hoje, é em attenção a seus anteriores trabalhos, porque foi o mais activo official e o mais intelligente de todos. Qualquer obra que lhe confiasse, não dava mais cuidados ao patrão que tinha certeza de recebel-a no praso e bem acabada. Presentemente, porém, não succede o mesmo, nem vence o trabalho, nem o faz com perfeição que sempre se via nos trabalhos a elle confiados.

Além d'isto, creio que a maxima tolerancia de que o patrão até hoje tem usado com elle, é em grande parte devida á memoria do pae, que foi o melhor obreiro da officina, porventura, o unico a quem é devida a actual prosperidade do estabelecimento. *(sae)*

Maria — *(entrando)* Felizmente, Deus proporcionou-me esta occasião para lhe poder mandar algum alimento, o que muito me alliviou a consciencia. Virá elle á hora pedida? Deus o illumine; pois quero pedir-lhe perdão do meu procedimento e empregar armas differentes d'aquellas que até hoje tenho em vão experimentado. O que não tenho conseguido pela violencia, talvez seja possivel conseguir pela persuasão, pela doçura e pelas lagrimas. Hei de preparar-lhe uma merenda... deve estar muito fraco com tantas fomes que atura *(entra no quarto e demora-se; com algum tempo entra Luiz e indo até a porta chama)*

SCENA 4.ª

Luiz — Sr.ª Maria?

Maria — Quem é?

Luiz — Sou eu, Luiz (*Maria apparece á porta e Luiz affasta-se para deixal-a sahir*). Ahi vem o Sr. patrão para fallar com a Sr.ª

Maria — Comigo? Que ha de novo? Meu Deus, ajudae-me: vae, dize que entre.

Pedro — Boa tarde, Sr.ª

Maria — Muito boa tarde, Sr. Queira ter a bondade de sentar-se. A que feliz ou infeliz circumstancia devo agradecer a entrada de V.Ex.ª, n'esta pobre choupana?

Pedro — Bem diz a Sr.ª feliz ou infeliz circumstancia; pois é, de facto, uma circumstancia nada agradavel que me traz aqui, muito contra a minha vontade.

Maria — Deus meu! O que vem annunciar, Sr.? Algum desatino do meu marido? Certamente que é. Peço perdão, Sr. Tenha compaixão do meu unico filho. Misericordia, Sr. (*ajoelhando*)

Pedro — (*fazendo signal para que se levante*) Socegue-se Sr.ª; não é nada para se affligir. Socegue-se, e attenda: ha de ter ouvido que o sogro da Sr.ª foi o primeiro mestre do meu estabelecimento; ha de ignorar, porém, como todos, que a iniciativa e o plano do estabelecimento, primeiro n'este genero no paiz, foram d'elle. Por tal forma foram certeiros os seus calculos que desde o principio attingiu uma prosperidade inesperada. A minha fortuna, quasi toda, devo a este commettimento, cuja iniciativa e progressivo incremento são unicamente devidos á intelligencia e tino de artista professo, e, sobretudo, á inexcedivel probidade do mestre Jorge, sogro da Sr.ª. O seu filho José, esposo da Sr.ª, que se denunciava sempre vocado ao officio do pae, claramente deixava perceber que tinha herdado todas essas apreciaveis qualidades do pae e, por isso, eu quasi que o considerava seu digno successor na superintendencia do estabelecimento, ainda que ostensivamente não o tivesse investido no cargo do pae, o qual, por isso, ainda continúa vago para evitar susceptibilidades d'outros officiaes encanecidos nos trabalhos do mesmo estabelecimento. Ora, não

é verdade, ha um anno, que sois casados?

Maria — Sim, Sr., pouco mais d'um anno.

Pedro — Pois como ia dizendo, desde ha um anno proximamente, tão irregular tem sido elle no seu procedimento, que longe de ser esteio do meu estabelecimento, como o foi seu pae, e, como eu esperava, elle tambem viria a ser, tem-se tornado um máu exemplar para o resto dos empregados, que, aos poucos, pela remolguice com que trabalham e pela falta de assiduidade quasi que vão precipitar em banca-rota o meu estabelecimento. Urge que eu procure dar remedio a este mal, cujo prognostico é gravissimo. Torna-se-me de necessidade inadiavel um remedio energico que ha de ser: despedir todos os máus empregados; para o que hei de ter de começar, muito contra a minha vontade, pelo José, sôb pena de ser injusto com os outros. Aqui está, Sr.ª, a circumstancia nada agradavel da minha visita. Venho pedir á Sr.ª que procure por todos os meios ao seu alcance desvial-o do máu caminho que leva, procurando tratal-o até pela medicina. E para isto, aconselharei que consulte o Dr. Miguel que é o mais entendido no caso e ao qual tambem da minha parte hei-de recommendal-o. (*levantando-se*) Adeus, Sr.ª Entretanto, fique certa de que não é só o interesse do meu estabelecimento que me traz aqui, mas tambem a gratidão que sinto funda no meu coração á memoria d'aquelle que tanto concorreu para a minha prosperidade actual e do qual nunca me esquecerei. (*sáe*)

Maria — Obrigadissima, Sr.; Deus conserve a V.Ex.ª por muitos annos para o bem dos pobres. (*depois de sahir Pedro*) Quanta bondade! Eu bem suppunha que José não poderia trabalhar. Qual é o patrão que o toleraria tanto tempo? E' provavel que o patrão lhe tenha feito sentir hoje o seu desagrado e, por isso, ha probabilidade de o ver já em casa... São seis horas e não tarda. (*entra em casa*)

SCENA 5.ª

(*José, entrando taciturno, deixa sua ferramenta e vae sentar-se n'uma cadeira, abatido*).

Maria — (*entrando com algum tempo*) Que tens, meu José? Estás mal comigo? Queres-me mal assim? Ainda não acertaste no porque te mandei chamar a esta hora? Pois, meu amigo, estou muito arrependida de tudo quanto te disse á noite e peço que me perdões. Prometto nunca mais magoar-te assim. Que queres? Foi uma birra que me deu por ter-te visto incommodado e nem eu sei o que fallei; mas toda a noite e o dia d'hoje passei chorando de arrependida. Perdôas-me, sim?

José — (*rompendo em soluços*) Que tenho eu que te exprobrar? Não és minha mulher? Não tens direito de me estigmatisar o procedimento incorrecto que tenho tido desde o nosso casamento? Olha; não és tu quem deve pedir o perdão. Eu é que venho, prostrado a teus pés, pedir-te perdão da minha vida passada desregrada, promettendo seguir d'aqui em diante uma nova vida. (*abraçam-se e choram*)

Acto 2.º

Decoração

Um consultorio medico-cirurgico

Scena I.ª

Pedro — (*entrando no consultorio*) Bons dias, Dr.

Doutor — (*levantando-se do bofete em que escrevia*) Bons dias, meu caro Sr. Pedro. Tenha a bondade de sentar-se. A que feliz acaso devo a visita de V.Exª?

Pedro — Creio são horas da dar consultas e, por conseguinte, não deve admirar-se da minha vinda.

Doutor — Muito ao contrario, cresce a minha admiração por ter escolhido esta hora, porque certamente que não é sobre caso de doença que me vem consultar, visto não é aqui que V.Ex.ª me costuma consultar. Por isso, se é sobre o negocio que vem aconselhar-se de mim, pode prevenir-se desde já com a taboleta para annunciar insolvencia.

Pedro — Diz muito bem. E' caso de insolvencia, sobre o qual venho pedir uma consulta medica; pois o meu estabelecimento tem sido visitado por uma epidemia que ameaça sua ruina

Doutor — (*surpreso*) Que ha então? Peste? Cholera? Pois urge tomar medidas promptas, porque o seu estabelecimento é muito povoado e o contagio póde alastrar-se pela cidade toda.

Pedro — Não é cholera nem peste.

Doutor — Ah! O que é então, variola?

Pedro — E'uma enfermidade peior do que todas estas, é o vicio de embriaguez.

Doutor — Ah! Certamente que é peior.

Pedro — Ha quasi um anno que no balanço mensal encontro deficit que progressivamente vae augmentando. E' verdade que não ha perdas até hoje, mas a percentagem dos lucros tem seguido uma progressão decrescente, não por falta de procura que, ao contrario, tem augmentado, mas sim por diminuição da producção. Imagine, meu amigo, que dos quarenta operarios do meu estabelecimento uns 20 trabalham meia hora menos no tempo marcado ao dia, mas por cançados, e os restantes 20, sendo mais novos em idade e devendo trabalhar mais do que aquelles, chegam, ao contrario, a furtar mais meia hora de trabalho, isto é, uma bem boa hora de desfalque no labôr total diario.

Ora 30 horas de trabalho de menos ao dia importam em 150 operarios de menos ao mez, isto é, dá um deficit mensal do trabalho que corresponde a 150 braços. E'este o mal de que está enfermando o meu estabelecimento e para o qual venho pedir remedio ao Dr.

Doutor — E' simples. Substituir os máus por bons que não faltam felizmente no paiz.

Pedro — Já empreguei esta droga. Mas faça favôr de attender. Entre os despedidos ha um que era o melhor de todos, é o filho do mestre que perdi, o qual estava preconisado para o logar do pae attentas as qualidades que, assim como no pae, via n'elle de trabalhador activo, intelligente e probo, qualidades estas que lhe haviam grangeado minha estima e confiança illimitada. Interesso-me particularmente por este, porque é filho d'aquelle a quem tudo deveu o meu

estabelecimento.

Doutor — Muito bem; é gratidão. Mas não me disse que era um dos despedidos?

Pedro — E'; fil-o despedir para não ser injusto com os outros que eram menos irregulares que elle, e para ver se assim se corrigia; porém, regularmente faço chegar ás mãos da mulher a soldada, sem que saiba que a recebe de mim. Ha tres mezes que está ocioso e longe de melhorar-se, e vejo que o mal se lhe vae aggravando.

Doutor — Pelo que diz, é casado. A mulher não tem conseguido nada? Pois tenho visto que as lagrimas das mulheres, muitas vezes, conseguem mais do que uma medicação heroica. Elle não ama a mulher?

Pedro — Creio que a ama muito. Por conselhos meus, coitada, experimentou as lagrimas e a persuasão; porém o effeito não demorou mais d'um mez, depois d'isto é que o despedi.

Peço, pois, que tome sob seu particular cuidado este meu protegido, que hade de vir cá hoje, certo de que com este favor obrigará a este seu amigo e não ao enfermo. Dê-me licença, que já lhe tomei muito tempo.

Doutor — Sim Sr. Vá descançado, convicto de que não pouparei esforços para ser-lhe agradavel tanto quanto deseja, ainda que, em taes casos, menos póde a medicina, do que uma decidida resolução do doente. (*depois de sahir Pedro*) Muita razão tem elle de classificar de peior do que o cholera e a peste o mal de que enferma o seu estabelecimento. Se aquellas perigam uma povoação, este periga a sociedade toda; se aquellas são transitorias e de duração ephemera, este é de duração permanente, se aquellas decrescem com o tempo, este cresce com a idade.

SCENA 2.ª

(*entram José e Maria*)

Doutor — Que querem?

Maria — Sr. Dr., venho á recommendação do Sr. Pedro de Mello para consultar sobre a doença do meu marido

(*apontando a José*) Peço Sr. Dr., encarecidamente, que se encarregue d'este enfermo por caridade.

Doutor — Escuse-se de instar, Sra., que o patrão já m'o recommendou. Sentem-se ahi (*indicando um banco que está de lado*) e me responda. Não repare que pergunte sem rodeios, para encurtar. Quanto tempo ha que seu esposo se deu a este vicio?

Maria — Ha 16 mezes que sou casada, e só tres mezes depois do casamento é que, um dia, o meu infeliz sogro, que Deus tenha, me disse: Maria, previno-te, minha filha, que uma grande desgraça paira sobre nossas cabeças, pois desde certo tempo estou notando que o nosso José não se governa; não ha tarde em que não se mostre mais animado; este não era seu genio que, ao contrario, era taciturno e attencioso; além d'isto, ha 4 domingos que não ceia comigo allegando incommodos, para não ser descoberto o máu estado em que vem. E' d'ali que data o vicio, Sr. Pois era verdade tudo quanto dizia o pae e que eu posteriormente verifiquei.

Doutor — Qual teria sido a causa d'elle assim tomar gosto pelo vinho? Minava-o, porventura, algum contratempo domestico? Mas, antes d'isto, o pae bebia?

Maria — Não, senhor.

Doutor — Pelo menos ás refeições não tomava um copo de espirito?

Maria — Não, senhor. Eu pelo menos não o vi um só dia beber; até mesmo nas más commutações que na edade d'elle eram frequentes, preferia chá amargo de kiraita, canella e casca de cidra, que me mandava preparar, ao vinho que os visinhos lhe aconselhavam n'estes casos.

Doutor — Bom; e a mãe?

Maria — A esta não alcancei, Sr., porque não era casada.

José — O Sr. Dr. tratou da minha mãe; até me disse que ella morria por não querer tomar um vinho medicinal qualquer que o Sr. Dr. prescrevêra, só porque era vinho.

Doutor — Não me recordo, todavia, para o caso é o mesmo. O que se apura é que os paes foram abstemios e por

conseguinte não te veio o vicio por herança. Como é que te pegou esse habito?

José — Eu conto Sr.: Nenhum dos meus collegas d'officina tinha sido convidado para o meu casamento que verificára no luto de minha mãe que fallecêra poucos dias antes. Ora, desde que eu comparecí ao serviço, passados os dias do casamento, choveram-me tantas felecitações, que em dias successivos tive de os obsequiar em uma taverna das 6, em que sahiamos da officina até ás 8, em que se fechava a taverna. Isto durou 8 a 10 dias, porque nem todos me felecitavam ao mesmo tempo. Ahi está, Sr., a origem do meu mal. Tendo de agradar aos companheiros, durante 10 dias, regularmente, tomei um a dois copos de espirito ao dia. No undecimo dia, é verdade que já não restava mais quem me felecitasse, porém, sahindo da officina, recordei-me dos copos de vinho que áquella hora tomava e senti tanta agua na bocca que foi-me impossivel resistir e tomei caminho da taverna. Aqui está, Sr., a origem do habito que adquiri e que foi crescendo com o tempo a ponto de hoje ser escravo d'elle.

Doutor — Sim; por fórma que, sahindo da cama, precisas de tomar a gorgeta, não é verdade?

José — Sim Sr. Dr. Hoje, por exemplo, minha mulher não permittiu que eu bebesse para evitar que o Sr. Dr. se incommodasse com minhas baforadas, e sinto-me mal. (*diz estas palavras com tremora na voz e no corpo e voltando-se para a mulher*) Quem morreu? Não ouves funeral? (*Corre para a porta para verificar e, voltando, esconde-se n'um canto do consultorio ... vê ao alto e diz*) perdão, meu pae, perdão, (*corre para outro canto*) perdão! Acóde, Maria, matam-me!

Maria — Meu Deus! O que é isto, Sr. Dr.?

Doutor — E' o delirio do alcoolismo. E' a primeira vez que elle faz isto?

Maria — Não, Sr. Muitas vezes, antes, de noite, sahia da cama e se escondia em algum canto da casa ou debaixo da cama, mas amanhecendo estava bem, por isso eu nunca liguei importancia a isto; suppondo mesmo que erão sonhos.

Doutor — Mas, sahindo da cama, tomava logo a dóse habitual, não é?

Maria — Sim, senhor.

Doutor — (*formulando uma receita*) Tome; mande vir o medicamento prescripto e dê-lhe em tres dóses, cada tres horas. Se dormir, não o acorde, mesmo que passe a hora do medicamento ou alimentação que deve reservar para quando acordar.

Attenda: E' necessario vigial-o constantemente e fazer desapparecer da vista d'elle todos os instrumentos do trabalho, bem como: faca, canivete e todo e qualquer instrumento cortante. A Sr.ª tem clavina em casa?

Maria — Não, senhor.

Doutor — Bem. Não consinta que alguem entre em casa com clavina.

Maria — Para que, Sr. Dr., tanta precaução? O meu marido corre perigo?

Doutor — Não corre; porém, faço-lhe estas prevenções para que no meio das suas allucinações não pratique qualquer crime, como bem póde, pois não se póde prevêr a qualidade de allucinações que terá. Além d'isto, evite de pôl-o á luz forte, evite tudo quanto lhe desperte a sensibilidade que a tem exaggerada.

Maria — Sim, Sr. Dr. (*sahem com a receita*)

Doutor — Nem eu suppunha que o mal estivesse tão adiantado. Que pena!

Scena 3.ª

Pedro — (*ficando á porta, ao Dr. que escreve qualquer cousa*) Virei estorvar o Dr.?

Doutor — Ao contrario, até desejava que viesse. Entre, Sr. Pedro, e queira tomar assento.

Pedro — Então que novidade ha para desejar a minha vinda? Chegou cá o meu protegido?

Doutor — Sim, e sinto dizer que o mal do seu protegido está mais adiantado do que eu suppunha.

Pedro — Acha o Dr. que não ha esperanças de o vêr rehabilitado?

Doutor — Inda agora fiz a primeira prescripção. En-

tretanto nada posso avançar de positivo sobre o prognostico.

Acontece com os vicios o mesmo que com a educação: assim como esta, se não fôr cuidada desde pequena edade, corrigindo, logo á primeira manifestação, o menor desvio que se note, sôb pena de vêr crescel-o com a creança a ponto de mais tarde tornar-se difficilimo, se não impossivel, corrigil-a d'esse desvio, como bem diz Ovidio: —*Adhuc facile est teneros animos componere difficulter recedentur vitia quæ nobiscum creverunt* — do mesmo modo, qualquer vicio que seja, muito mais o de embriaguez, se não fôr atalhado logo ás primeiras manifestações, cresce com o viciado a ponto de escravisal-o sem esperança de se libertar das suas terriveis algemas.

Scena 4.ª

Luiz — *(apparecendo apressado)* Sr. Dr., acuda ao mestre José que está muito mal.

Doutor — Que é que tem?

Luiz — Teve um vágado com taes torções de braços, pés, cara e cabeça *(acompanhando com estes gestos)* que parecia que ia quebrar-se todo em bocados e zás! cae redondamente no chão e, deitando escuma pela bocca, está a roncar que parece agonia; supponho que é, porque meu pae, á hora da morte, era assim que respirava. Acuda, Sr. Dr.

Doutor — *(ao Pedro)* O amigo tenha paciencia de demorar-se um pouco que preciso falar; volto já, vou ver o que ha de novo. *(sae)*

Pedro — A julgar pela attitude do Dr. pouco se espera do enfermo; e vem mais a complicação que Luiz vem annunciar. Eu d'ahi lavo as mãos; pois nem concorri para os desmandos do rapaz, nem poupei esforços para o salvar. Em attenção á memoria do pae até hoje estou contribuindo a soldada com regularidade. Dei-lhe o meu medico para o tratar e que mais posso eu fazer? Agora elle que tenha juizo. *(entra o doutor á pressa)*
Que ha, Dr.? Como está o enfermo?

Doutor — De mal a peior; não vi nunca o alcoolismo desenvolver com tanta rapidez e tamanha precisão todo o cortejo de complicações como no caso presente. O que o Luiz viéra annunciar era um insulto epileptico, como facilmente se podia conhecer pela fiel descripção de symptomas que o rapaz soube fazer, mas eu não me contentava emquanto não verificasse por meus olhos; porque era o primeiro insulto que tinha.

Pedro — Então o alcoolismo tambem produz epilepsia?

Doutor — Se produz! O seu protegido é um exemplar em quem póde verificar o que avanço; pois o amigo conheceu os paes e sabe se foram ou não epilepticos.

Pedro — Certamente que não foram. Mas o caso é serio?.

Doutor — Oh! Muito serio. Deus queira que não tenhamos de ver peiores coisas.

Pedro — Oh! ainda resta que vir mais alguma complicação?

Doutor — Resta, sim, sr. Muita razão tinha o amigo em classificar de peior que a peste e o cholera o alcoolismo; pois, no meu entender, é um mal que se tem tornado tão vulgar hoje que ameaça acabar com a sociedade toda: e veja como: tomemos para exemplo o nosso enfermo. Como contrahiu elle este vicio? Por uma causa muito simples: dez dias de pandegas, continuadas á hora regular, deram com elle em bêbedo, como vê. Ora quem está isento da influencia de causas na apparencia tão insignificantes? E se isto acontece em quem nada tem que imputar aos seus antecedentes, o que não acontecerá n'aquelles em quem ha uma hereditariedade mais ou menos remota?

Desde as theorias de Lombroso sobre a criminalidade e os estudos de Morel, Sahule e Krafft-Ebing e, entre nós, do professor Bombarda sobre degenerescencias, desde que se sabe que certas enfermidades congenitas ou adquiridas têem sua origem ou deixam vestigios de degenerescencia no cerebro, vestigios a que o professor chama estigmas de degenerescencia, não padece duvida alguma que a intoxicação alcoolica determina no cerebro os estigmas que, embora adquiridos, como no nosso

caso, transmittem-se por herança infallivelmente. Ora, isto admittido, ahi está um innocente de uns mezes que, manifestamente gerado na constancia da embriaguez do pae póde-se dizer d'antemão o que virá a ser. Diga-me o amigo, que sociedade será a que fôr constituida de taes pimpolhos, feitos homens? Que taes serão as quatro familias que sejam constituidas por quatro filhos que esse homem porventura venha a ter? Diga, em que virá a dar uma sociedade composta de taes elementos? Qual será a sua duração? Ali está o nosso enfermo que ainda não tem 25 completos; o que póde a sociedade esperar d'elle? Quantos annos mais ou mezes mais poderá continuar por esse caminho? Qual tem sido o resultado das sociedades de temperança que pullularam por toda a parte? Porque os esforços dos governos de todos os tempos, tributando o alcool e sua venda em augmento progressivo, têem sido infructuosos?

Ahi está a razão nas degenerescencias hereditarias, assumpto este tão vasto que não comporta com o pouco tempo que posso dispôr hoje, por isso fica para outra vez.

Pedro — Sim, Sr. Tambem eu tenho muito que fazer hoje; porém, fique certo, doutor, que a vez primeira que possa dispôr de tempo ha de me dar esta lição, que muito me interessou e que absolutamente ignorava. (*levanta-se*)

Doutor — Sim; até outra vez. (*fecha-se o panó*)

Acto 3.º

Decoração do 1.º acto.

Scena 1.ª

Antonio — Aqui não está ninguem. O José com certeza fogo para as aguas furtadas, logo que sinta meus passos, como já deve ter sentido. Que exageradamente apurado que está o ouvido d'elle! (*vae á porta do quarto e diz não alto*) Sr.ª Maria? (*entra por não responder, com pouco de tempo sae Maria apressada, seguida de Antonio, e sentada escreve n'um papel*)

Maria — (*entrega o papel ao Antonio*) Aqui tem, sr., uma obrigação assignada por mim do dinheiro que a titulo de credito de meu sogro me tem dado até hoje, e que não tenho agora para restituir. Em todo o tempo póde fazer valer esta com o meu José, depois de bom, ou com o meu filho, depois de crescido, se antes d'isto eu não puder resgatal-a. Peço encarecidamente que não venha insultar mais a minha desgraça.

Antonio — Perdão, Sra. Maria. Porque se zangou? Acceite o dinheiro que nada tem com a pergunta que fiz. A divida é certa.

Maria — Perdão, sr., não me obrigue a falar mais n'esse dinheiro, não o acceito.

Scena 2.ª

Pedro — (*entrando*) Que ha, senhora?

Maria — Nada, senhor.

Pedro — (*dirigindo-se ao Antonio*) A senhora deve-te alguma cousa? Vejo que fallavam em dinheiro?

Antonio — Ao contrario, sr., eu é que vim entregar á Sr.ª uma quantia que ella não acceita.

Pedro — Que quantia vem a ser esta? Quem é que a manda?

Antonio — E' o sr. Lourenço da Conceição, meu visinho.

Pedro — Ah! sim?

Antonio — Disse-me que João Pinto, que fôra aprendiz do estabelecimento de V. Ex.ª, e que actualmente se acha em Zanzibar, mandava pagar ao mestre José mensalmente 15 rupias, que eu trago, para satisfazer uma certa quantia que elle adquirira ao pae d'elle, o finado mestre Jorge. A Sr.ª traz duvidas para receber este dinheiro.

Pedro — Póde a Sr.ª receber este dinheiro sem escrupulos, que eu sei, que o João levou ao mestre Jorge dinheiro para ir tentar fortuna lá fóra, e que d'ali até mandára pedir mais. Sei isto, porque o mestre Jorge levava-me algum tempo adiantada a soldada que, dizia elle, era para subsidiar o rapaz. Póde a sra. receber tudo quanto elle mandar, que não sei quanto é.

Maria — Deixe, sr., ali. *(apontando o bofete)* Queira sentar-se, sr. *(dando cadeira a Pedro.)*

SCENA 4.ª

(Entra o Doutor, faz mesura a Maria, cumprimenta a Pedro e voltando-se a Maria.)

Doutor — Não veio o remedio?

Maria — Não, senhor.

Pedro — O' Antonio, vae ver onde chegou o Luiz: dize que venha depressa com o remedio.

Antonio — Sim, sr. *(sae)*

Doutor — Emfim, encontramo-nos depois d'uma boa temporada; tive muito que fazer. Como tem passado na sua importante saude?

Pedro — Bem, obrigado. Tambem eu tive que fazer e por isso não pude ir apouquentar o doutor para me dar a lição que prometteu.

Doutor — Sim. Agora, creio, nada temos que fazer emquanto venha o remedio; por isso podemos conversar. Entretanto permitta que faça uma pergunta á Sr.ª E' verdade que o doente procurou enforcar-se? Disse m'o o rapaz.

Maria — Sim, senhor; supponho que foi assim. Depois da ultima bebida do remedio que tomára ás 6, dormiu pacificamente durante 6 horas, isto é, até á meia noite. Seria uma hora depois da meia noite, quando fiquei despertada pelo echo da queda d'uma cousa qualquer; accendi um palito do phosphoros e allumiei. Que havia de ver? O José ia levantando-se do chão, com uma corda ao collo, cuja outra extremidade estava presa a um pedaço d'aguieiro que estava tambem no chão.

Doutor — D'onde era este pedaço d'aguieiro?

Maria — Era da agua-furtada; estava ahi atirado. Elle provavelmente suppôz que era do tecto e procurou suspender-se d'elle.

Doutor — Diz bem a Sr.ª; foi certamente isto *(voltando-se ao Pedro)* Já viu? E' a mania do suicidio, em que quasi sempre termina este delirio.

Pedro — Sim?! Então é necessario vigial-o sempre. Póde o Luiz ficar cá; dispenso-o do trabalho.

Doutor — Já havia prevenido a Sr.ª para recolher a ferramenta e outros instrumentos cortantes, mas esqueceram-me das cordas. Que diabo! Se já vi penderem dos lençoes da cama? O'alcool! alcool!

Pedro — E' verdade... Mas diga-me, doutor, o que vem a ser os estigmas de degenerescencia de que prometteu fallar o outro dia?

Doutor — Pois ouça: tudo quanto estorva o regular desenvolvimento do cerebro infantil ou fetal, determina uma degenerescencia que não se limita só a quem primeiro soffreu este estorvo no desenvolvimento normal, mas transmitte-se de geração em geração, até que no ultimo gráu da escala descendente que segue, vae dar em idiotia que, por sua vez, remata em esterilidade. E' um facto estabelecido na sciencia, depois da infinidade de observações colligidas com o mais rigoroso criterio. Porém, quaes as causas que podem determinar esse estorvo?

Ha-as accidentaes e transitorias, como varias enfermidades agudas, cujos vestigios se desvanecem com a convalescença; e outras de resultados duradouros e, póde-se dizer, eternos, taes são: certas enfermidades que atacam profundamente o organismo, como: a syphilis, as intoxicações alcoolica, saturnina, morphinica, etc; e a miseria e a civilisação dos nossos tempos.

Pedro — Que! A civilisação tambem?

Doutor — E' o maior minotauro dos nosso tempos, ao qual se sacrificam cerebros aos milhares

Pedro — Mas como, doutor?

Doutor — A lucta pela existencia, que é a caracteristica dos nossos tempos e que tem sua origem no desenvolvimento espantoso da industria e das sciencias, é a causa primeira e determinante, ao mesmo tempo, da medonha concorrencia que começa nos bancos da escola, onde se atiram cerebros ainda em evolução, os quaes, instruidos depois do seu completo e regular desenvolvimento, teriam dado troncos sadios de raças sadias. Eis a origem da edade de nervosismo que estamos atravessando.

Ouça: « Nas classes ricas e nas classes pobres. No commercio, na industria e nas sciencias. Abandona-se a enxada e pega-se na machina. Foge-se da vida tranquilla e patriarchal e mergulha-se no tumultuar dos prazeres. Despreza-se a mediania honesta e sem ambições e luta-se ferozmente na febre de oiro.

Que ha de nascer d'esta medonha afinação das intelligencias e vontades? Senão o nervosismo que é o mal da época, senão a degenerescencia que é a invasora podridão dos tempos que correm? » Palavras textuaes do professor Bombarda.

Aqui está como a civilisação importa uma poderosa causa da degenerescencia das raças. Mas, passando ao nosso objecto: o alcoolismo é a maior gangrena das sociedades modernas, não só pela qualidade e quantidade do alcool, cujo consumo augmenta todos os dias em espantosa proporção, mas tambem pela facilidade com que trahiçoeiramente chega a determinar o primeiro elo da cadeia que deve formar-se d'uma raça inteira de degenerados; pois, por experiencias concludentes, tem-se chegado a provar que para o alcool determinar o primeiro impulso de degenerescencia não ha necessidade de o organismo estar de longa data inquinado de alcoolismo, basta só uma intoxicação de occasião; por fórma que a embriaguez, embora accidental, na occasião da concepção, tem lançado os primeiros fundamentos d'um edificio de degenerados.

Eis a explicação do grande phenomeno sociologico da cifra progressivamente crescente da estatistica criminal. *(entram Luiz e Antonio com o remedio)*

Doutor — Como tardaram tanto?

Luiz — Que hei de dizer, Sr. Dr.! O pharmaceutico deitou as estantes abaixo para estudar o modo de aviar a receita. Estudava, estudava e não findava.

Doutor — Bem, vae chamar a sr.ª Maria. *(entra Maria)* Que faz o doente?

Maria — Parece mais quieto.

Doutor — Pois, é quando deve desconfiar mais e vigiar mais; se está quieto é porque pensa em alguma cousa. Aqui tem este remedio para 6 dóses, para dar cada

duas horas, das quaes a primeira vou eu dar; faça favôr de prevenil-o.

Maria — *(entrando até á cosinha, grita)* Jesus! Acuda, Sr. Dr.! Acudam! *(correm todos)*

Doutor — *(dentro e alto)* Façam favôr de conduzil-o para fóra, que aqui falta luz.

SCENA 4.ª

(Sae o Doutor e José é conduzido deitando jorros de sangue pela garganta)

Doutor — *(examinando a ferida)* Cortou a trachéa toda e as jugulares. *(voltando-se para Maria que chora)* A Sr.ª deixou-lhe a faca ou a navalha ao alcance?

Maria — Não, sr., não foi faca nem navalha, mas foi o escamador com que pouco antes estive eu escamando peixe e que não cheguei a recolher, porque entrára lá o Sr. Antonio.

Doutor — Fatal imprevidencia! Pois é irremediavel! *(examina o pulso e procura estancar o sangue, e o doente toma respirações cada vez mais retardadas, até que suspende-as, e o doutor, largando o pulso da mão)* Acabou-se!! *(Maria cae com uma syncope)* Oh! mocidade incauta, vem mirar n'este espelho!!!

Fecha-se o panno

FIM

57 5/
P-3050
58

A MULHER DO ARTISTA

COMEDIA EM 2 ACTOS

POR

L. N. d'A.

A Bibliotheca Publica
of.ª a
Luiz Napoleão Pittaglia

PERSONAGENS

Antonio d'Azevedo (pintor)
Josephina (mulher do pintor)
Dr. Leonardo Luiz (medico)
D. Lucia (mulher do Dr.)
Gertrudes (criada do pintor)

DECORAÇÃO

O theatro representa um *atelier* de pintor, com tintas, pinceis, etc. Cadeiras e mezas de lavarejo com guinde, bacia, sabão, etc. Portas no fundo e lateral.

Preço 2 annas.

ASSAGÃO—Typ. "Moderna"

59

ACTO 1.°

SCENA 1a.

" *Joseph.*—(entrando depois de levantar o pano). E' o justo castigo que Deus me manda por ter desobedecido á meus paes, insistindo n'um casamento que não era de sua vontade.....Quem poderá pezar melhor os prós e contras d'um casamento, senão os paes? Elles á experiencia colhida pelo tempo bastante de casados alliam uma consciencia propria, em instincto proprio que os previne dos perigos que ameaçam seus filhos...Quantas vezes não experimentei esta verdade?

Bem me diziam elles: minha filha, não te convém, para o teu genio folgasão um artista, sobretudo, do nome e reputação de. Antonio que, porisso mesmo porque é bom artista hade ser casmurro, taciturno, distrahido e muito pouco hade importar-se das exigencias de teu genio buliçoso e folgasão. E antes de 3 mezes de cazada experimentei a verdade da prophecia (ouvem-se passos na escada). Lá volta elle d'alguma parte.

SCENA 2a.

" *Antonio*—(entrando) Bons dias minha filha (beija á esposa na testa) Como passaste? Dormiste bem?

" *Joseph.*—Não peguei no ôlho toda a noute; só

á madrugada, creio eu, consegui dormir a força de fadiga. Onde andaste?

" *Ant.*—Tambem eu não consegui dormir uma hora sequer. Estava calor insupportavel...até que, quando o relogio deu 4 horas puz-me ao fresco, por não poder supportar a temperatura da camara.

Além d'isto, tinha assentado começar hoje o trabalho d'um quadro, em que devo empregar toda minha intelligencia e cuidado, para não desmentir a opinião lisongeira com que os jornaes todos á uma me tem querido obsequiar, porventura para me animar ao trabalho.

Precisava refrescar minha cabeça aquecida pela vigilia e pelo calor que estava. Tomaste café?

" *Joseph.*—Ainda não...esperava-te.

" *Ant.*—Pois vamos ao café que tenho que trabalhar. (Joseph. sahe pelo fundo e Ant. deixa o chapéu e aprompta os pinceis).

Joseph.—Antonio? Vem tomar café á meza que Gertrudes tem que fazer.

" *Ant.*—Lá vou; lá vou! (sahe pelo fundo e depois de algum tempo entram ambos conversando amavelmente).

" *Ant.*—Mãos a obra (despindo o casaco) Vou ao meu quadro, e tu? Vê se consegues descançar um bocado. (*Ant.* pega no pincel e *Joseph.* entra na camara de dormir).

SCENA 3a.

(Entra Gertrudes e sacode o pó das cadeiras e outros moveis).

"*Ant.*—Pára Gertrudes! (e olha-a fixamente por algum tempo e continua a trabalhar. Gertrudes faz-se de surpresa e espantada e continua a trabalhar tambem).

Gertrudes!? (torna a observal-a e ella desenha

um sorriso malicioso nos labios, Ant., sem dar pelo sorriso, continua a trabalhar. Gertrudes sahe)... Não...não estou satisfeito...tudo depende d'estes primeiros traços, em que o pequeno descuido dá em terra com reputações melhor estabelecidas (sahe com casaco e chapeu).

SCENA 4a.

"*Joseph.*— Bem me tinham parecido passos d'elle...Mas, aonde, diabo, quererá elle tão apressado? Minha mãe dizia-me que seria taciturno meu noivo e eu, ao contrario, vejo-o mais buliçoso do que eu. Sahiu ás 4 e não ha hora e meia que entrou e torna a sahir!! Que significa isto? Não é o desenho só que o faz rondar assim. Estou certa. Heide vêr aonde vae parar tudo isto...Não é só uma vêz que parar a creada imperiosamente no meio do seu trabalho. Bem se via, pelo espanto da Gertrudes que não se entendiam de longa data; porém, o sorriso que ella desenhou nos labios pela segunda vêz o que significa?! Bem...O meu genio buliçoso tem de quedar-se agora ao trabalho de espionagem que muito me repugna...mas, paciencia!

"*Gertrudes*—Bahy! o almoço está prompto, quer que sirva?

"*Joseph.*—Mas aonde foi o Antonio...não está, cá...temos de esperar por elle (com pouco de tempo ouvem-se passos na escada) Ahi vém elle (apparece Antonio) Aonde diabo andas tu? O almoço arrefece.

"*Ant.*—Vae almoçar minha filha e vê-se não mandas aqui mesmo qualquer cousa...torradas e uma chavena de leite basta.

"*Joseph.*—(a parte) Que me dizem a isto? Outras tantas occasiões de vêr a Gertrudes a sós!! Veremos em que vae parar toda esta pantomima:

(sahe pelo fundo e com pouco de tempo entra a creada com bandeja de torradas e leite; deixa na meza do desenho e sahe e Antonio sem levantar a cabeça do desenho continúa a trabalhar).

SCENA 5a.

"*Joseph.*—(entra e vendo ao Antonio que não tocou nas torradas) Então...não almoças? O leite arrefeceu (Antonio levanta a cabeça em attitude interrogativa) Digo que arrefeceu o leite!!

"*Ant.* Manda aquecer (torna a trabalhar cabisbaixo).

Joseph.—(aparte) Mais uma occasião!! (alto) Gertrudes! torna a aquecer o leite que já arrefeceu (entra Gertrudes e leva o leite, sem Antonio levantar a cabeça).

SCENA 6a.

"*Dr.*—Dão licença?

"*Joseph.*—Dou eu só que o Antonio não está em casa. Entre Dr., que cerimonia!!

"*Dr.*—Como está V. Exa. (vendo ao Antonio em trabalho suspendendo-se) Deixe; não se interrompe um artista no curso de suas idéas que são como uma corrente que suspensa desvia-se e não volta mais, ou volta com muita difficuldade e muito trabalho, porém, sem a primitiva abundancia.

"*Joseph.*—(a parte) Quem sabe!! (alto) Sente-se Dr., como está a sra. D. Lucia?

Dr.—Bem por santas orações de V. Exa. (senta-se) Como ia dizendo, não se interrompe um artista no meio do seu trabalho, absorto em o qual elle se sequestra de todo o mundo. Não sente fome nem séde, nem sentirá, creio eu se lhe põem uma braza aos pés.

" *Joseph*—Ahi volta a creada de aquecer o leite pela segunda vez...era o almoço que elle pedira e ainda não provou.

" *Dr.*—Ainda hade arrefecer; porém, escuse-se V. Exa. de mandar aquecel-o pela terceira que, se n'este estado lhe désse uma chavena de agua fria, tomava-a como leite quente e bem adoçado.

" *Joseph.*—Então quer o Dr. dizer que o meu Antonio deu em doido?

" *Dr.*—Quasi, minha Sra. Os poetas e os artistas quasi que o são, bem visto, verdadeiros poetas e artistas, como o é o Sr. Antonio e não os fazedores de versos e pintores das mascaras de carnaval. (consultando o relogio) São horas de estar no consultorio. (levanta-se) Adeus, até a noitinha talvêz.

" *Joseph.*—Adeus Dr. (e depois de despidir o Dr. voltando-se a parte) Com este certamente que não posso contar; hade estar pelo Antonio.

" *Ant.*—(levanta-se assoando) Até que em fim!! Que enormes trabalhos que me deram estes primeiros traços na falta do original!!...certamente que nem minha mulher prestava-se para este sacrificio ...Mas estou satisfeito...Agora é questão de trage que é o menos.

" *Joseph.*—Até que, em fim, estás satisfeito sem almoçar.

" *Ant.*—(meio desperto) Hein? Não almocei? Pois dá cá (toma a dois tragos a chavena de leite).

" *Joseph.*—Que fazes homem?! Lá ficaram as torradas!!!

" *Ant.*—Dá cá (começa a roer uma a uma, sem tirar a vista do desenho).

" *Joseph.*—Creio que o Dr. tem razão em dal-o por doido (entra na camara de dormir).

" *Ant.*—(vão á mêza de lavarejo; lava as mãos e a cara e voltando-se ao relogio) Oh! São 2 horas (bate a porta da camara da espoza) Oh baby! Que

fazes? Então não jantamos hoje?

" *Joseph.*—(entrando e a parte) Já viram? (alto) Tens já fome?

" *Ant.*—Pois...Muita mesmo.

" *Joseph.* (benzendo-se vão a porta do fundo e) Gertrudes? põe o jantar na meza que o Sr. tem muita fome!

" *Gertrud*...O jantar está na meza.

" *Ant.*—Vamos (fecha-se o pano).

ACTO 2.°

SCENA 1a.

" *Dr.*—(apparecendo na porta com esposa) Dá licença Sra. D. Josephyna?!

" *Joseph.*—Entre Dr. (sahindo da camara vê a esposa) Como estão? (beija á D. Lucia que troca o beijo e extende a mão ao Dr.) Tenham bondade de sentar-se.

Dr.—Sentem-se que eu não as acompanho.

" *Joseph.*—Que indelicadesa. Dr.? Desgosta assim da companhia das senhoras?

" *Dr.*—Ao contrario; gosto muito d'ellas; minha mulher que o diga...Por isso mesmo por que gosto muito das Senhoras vou á pressa aonde muitas me esperam.

" *Joseph.*—Que máo!

" *D. Lucia.*—Vão e volta breve que cá fico á tua espera.

" *Dr.*—Sim. Adeus Sra. D. Josefina (sahe).

" *Joseph.*—Oh! minha amiga?! Quanto anciava por ter encontro?! Sou muito desgraçada. Não tenho peito amigo aonde possa vasar em lagrimas a dôr que me punge; uma mão amiga que me ampare n'esta minha desgraça.

" *D. Lucia*... Socegue-se D. Josefina, Que ha? O que é que afflige tanto?

" *Joseph.*—Sou uma infeliz orfã de paes, que estou experimentando as consequencias necessarias da minha desobediencia ás suas vontades; desobediencia que motivou a prematura morte d'elles, porventura, pelo antegosto que tomaram da dôr que me havia de compungir, dôr que eu agora experimento, más que elles presentiram pelos corações que palpitavam para mim, por que eu era o seu = ai Jesus =

" *D. Lucia.*—Más diga-me o que é que tem havido?

" *Joseph.*—Como unico fructo de seus amores, meus infelizes paes, um anno inteiro trabalharam por me convencer que o casamento com um artista não me convinha, porque o meu genio prazenteiro e folgazão de criança educada com tanto mimo, não podia quadrar com o d'um artista professo que, absorto nas suas meditações, havia de ser sempre taciturno e melancolico. Mas eu, só pelo que os periodicos do paiz, unanimes, exaltavam os meritos do artista Antonio d'Azevedo, estava namorada d'elle antes mesmo de o conhecer; por forma que, para elle conseguir a minha mão não teve mais do que o trabalho de subir a minha escada, a despeito de alguns mais rivaes, melhor collocados na sociedade e na escala da fortuna.

" *D. Lucia*—Mas acabe Sra...Diga sem preambulos o que ha, que o meu Luis não tarda e talvez o Sr. Antonio chegue. Elle não ama a Sra.?

" *Joseph.*—Sim. Ha um anno que me casei sempre experimentei uma frieza no seu proceder; porém, d'isto estava prevenida pelos sanctos que me deram o ser. Ha 3 mezes, porém, que é me insupportavel a vida. A pretexto de concluir uni quadro para uma exposição qualquer não dorme, não, sahe de madrugada; não jantamos, nem ceiamos juntos e para cumulo de minha infelicidade horas

inteiras fica a mirar e remirar de alto abaixo a Gertrudes (enxuga uma lagrima).

" *D. Lucia.*—Que Gertrudes? sua creada?

" *Joseph.*—Sim....E não para aqui; traz até, aqui em minha casa, uma salôia, vendedora de flôres, á quem, é verdade, dirige vistas só, más que vistas, meo Deus!!!

" *D. Lucia.*—Ah! ah! ah!...E' só isso? E' grande infelicidade a sua. Pois ouça agora...Que diria minha amiga se fosse espôsa d'um medico? e d'um como o meu Luis que mais particularmente é procurado por damas de alto coturno? Attenda...Diz o meu Luis que um almirante inglez chamado Nelson que aliás mesmo tinha um ôlho de menos, perdera um braço na batalha de Trafalgar, más infligira, n'essa occasião, uma séria derrota á marinha franceza. Ora por este feito heroico 20 damas da melhor nobreza de Inglaterra pertenderam á porfia casar com elle; é que estavam todas namoradas do seu nome.

Nós, as mulheres, ambicionamos o prestigio; é o feitio do nosso coração; por forma que casamos com o prestigio e não com o homem que póde faltar um ôlho ou um nariz, pouco nos importa. Ora desde que casamos com o nome e não com o homem, cumpre que sejamos coherentes. Que diria minha amiga, se o Sr. Antonio, cujo peccado é vêr só, tateasse, apalpasse, percutisse, a mão, o peito, o ventre? como o faz o meu Luis? E tudo isto na minha ausencia e na minha presença ou ás minhas barbas, como diria qualquer homem? Que diria? Que faria?...Pois tire ao Sr. Antonio o *atelier* e as tintas e o que lhe ficará d'elle? gostaria vel-o assim? Amim, se tirassem ao meu Luis a clinica que o faz tão grande a meus olhos e aos de todos, certamente que não gostaria d'elle, nem o amava tanto como agora.

Bem vê minha amiga que devemos ser indulgentes com os nossos homens, perdoando-lhes esses defeitos, se defeitos se póde chamar; pois só serão defeitos aos olhos de esposas zelosas.

" *Dr.*—(entrando com Antonio) Olá!! Estão em conversa animadissima!?

" *Ant.*—E' verdade...e vae muito animado isto!!

" *D. Lucia*—Sim Sr. Antonio. Estamos animadissimas por sua causa!!

" *Ant.* Por minha?!

" *D. Lucia*—Ha um grande crime de que é accusado.

" *Dr.*—E quem é que o accusa, de que crime é accusado e onde estão as provas?

" *D. Lucia*—Quem o accusa, sou eu, e o crime de que é accusado é o grande peccado de estar em sessão com floristas no seu *atelier* a pretexto de concluir um quadro para uma exposição qualquer.

" *Dr.*—Má parte e peior causa! E as provas?

" *D. Lucia*—As provas? São: o depoimento da Sra. D. Josephyna que deve merecer inteira fé!!

" *Joseph.*—Eu, não!!!

" *Dr.*—Bravo!! Venci que a propria testemunha da accusação nega o facto. Não preciso de contestar mais—Venci! (batendo palmas)

1.°

Menina bonita e livre
Não sejas tola em casar
Com artistas e medicos
Se da páz q' reis gosar.

2.°

P'ra medicos e artistas
Um bom partido alcançar

Basta, os jornaes da terra
Seus meritos realçar.

3.°

Se casar com homem com nome
E' melhor que com o sem nome
Pedimos ás Sras. damas
Nos apoem com suas palmas.

FIM.

P-3051 69

NOBRESA DA ALMA

POR

L. N. d'A.

DRAMA EM 2 ACTOS

ALDONÁ, 1901.

11771

PREÇO 0-3-00

Assagão.—Typ. "Moderna."

70

A Bibliotheca Publica
of. a.
Luiz Napoleão d'Albuquerque

71

NOBREZA DA ALMA

DRAMA EM DOIS ACTOS

PERSONAGENS

" Victor Gonçalves *(filho do usurario)*
" D. Leonor Govêa *(mulher de Victor)*
" Pedro *(creado preto)*
" Frei Manuel d'Assumpção *(carmelita-descalço-mendicante)*
" [illegible] *(pelo Dr. [illegible])*

A ACÇÃO PASSA-SE EM GOA

DECORAÇÃO

O theatro representa um escriptorio—á esquerda meza com tinteiro &a.—Portas, ao fundo e lateraes—Fronteiro ao escriptorio, na parede um quadro de Victor; immediatamente abaixo um oratorio assente sobre uma meza, com um copo de oleo aceso—Abaixo do oratorio um genuflexorio—Cadeiras &c.

ACTO 1.º

Scena 1a.

(D. Leonor vestida de luto e sem joias, á excepção de manilhas de oiro, escreve uma carta em attitude triste, quasi lacrimosa. Suspende a carta, leva a mão esquerda ao peito em attitude oppressiva; toma uma grande respiração e levantando-se

vae cahir bruscamente de joelhos sobre o genuflexorio).

" *D. Leonor*—Minha mãe Maria Santissima !! Vós que mais que ninguem experimentastes as ancias d'um coração angustiado, valei-me Sra. n'esta minha tribulação, que se é certo que não póde aparelhar-se com a vossa grande dôr, tambem é certo que não tem comparação a vossa grandeza e força com a fragilidade de mulher peccadora que sou. Accudi-me Sra. n'esta angustia e guiae os meus passos no sentido da vossa sancta vontade e da do Vosso Unigenito, meu Redemptor e Salvador, (*faz uma pequena oração em silencio e levantando-se mais resignada toca a campainha do escriptorio.*)

Scena 2a.

(*Apparece Pedro e fica estatico sem exprimir palavra, e Leonor, observando tambem em silencio o espanto do creado, pausadamente diz:*)

" *Leonor*—De que te espantas meu amigo?

" *Pedro*—Eu não sabe...bahy tá vesty luto... não tem annel (*levando a mão ás orelhas*) não tem não!!

" *Leonor*—Sim, meu Pedro. Sinto luto no meu coração. Hoje é um dia fatal para mim; não te sei explicar que presentimentos me assaltam; convenço-me que o teu babá, meu infeliz Victor, é colhido por uma grande desgraça e que já nos abandonou á nossa triste sorte (*chorando*).

" *Pedro*—Que querê dizêr bahy?

" *Leonor*—Que teu babá já não vive a esta hora; que a morte nol-o arrebatou (*continuando a soluçar.*)

" *Pedro*—(*procurando consolal-a e chorando tambem*) Não chorá bahy, não chorá; babá tem

bom; babá tá virá; nosso bom babá tá virá logo.

"*Leonor*—Não meu bom Pedro, tu não comprehendes a intensidade da minha dôr e a probabilidade ou quasi certeza dos meus temores. Ouve. Ha já 6 annos que babá se ausentou, deixando-nos entregues á nossa sorte, sem ao menos uma vêz dar-nos suas noticias que tanto anciamos. Por esse tempo quantas cartas não escrevemos? Qual tem sido sua resposta? Pelo menos uma carta mensal não deixei de escrever e sempre sem resposta. E' verdade que não ha communicações certas e directas, nem nos sabemos o verdadeiro paradeiro d'elle. Não te parece meu Pedro que das 72 cartas que lhe escrevi pelo menos uma deve elle ter recebido?

"*Pedro*—Não bahy; babá tem bom, tá virá; tá virá.

"*Leonor*—Ouve meu Pedro: tu es o melhor e unico amigo que eu tenho; e queres-me tanto que não te convences da desgraça que nos espera ou que já nos visitou.

Hoje desde que accordei, nebei o dia nublado e uma tristeza inexplicavel se apoderou de mim; e, cada hora do dia que passava, ia-me augmentando a tristeza, até que agora, quando o relogio deu 10 horas, estando escrevendo a ultima carta, mesmo para assim disfarçar a minha afflicção, uma dôr aguda feriu-me o coração; e sinto, quasi que vejo, que o meu Victor, o teu bom babá não vive (*aqui os soluços lhe embargam a falla, continuando n'esta attitude por bom tempo, e o preto sentado a seus pés, tambem chorosa apoiapes e diz*).

"*Pedro*—Não chorá bahy...babá tá virá...babá não morreu, babá tá virá.

"*Leonor*—Ouve meu Pedro, ainda que tu pouco comprehendas d'isto...mas permitte-me este desafogo. Tudo quanto nos acontece é o justo

castigo das nossas culpas, pelas quaes o merecemos, e Deus justiceiro não podia deixar de nol-o mandar por mais que pedissemos.

"*Pedro*—Não. Bahy não tem culpa, bahy não tem peccado; Pedro sim, gosta de pinguita.

"*Leonor*—Não Pedro; beber, como tu bebes, não é peccado, nem é d'estes peccados que te quero fallar.

Attende. Lembras-te que teu amo, meu sogro, era muito rico, não é sim?

"*Pedro*—Sim Senhor.

"*Leonor*—Sabes como era reunida toda essa riqueza?

"*Pedro*—Não sabê.

"*Leonor*—Não me interrompas. Foi com a usura.

"*Pedro*—Sura?

"*Leonor*—Não, usura, quer dizer, juros fortes. Ouve: emprestava dinheiro a gente, com a condição de pagar juros a razão de 12 e 15 por cento.

"*Pedro*—Eu não sabê.

"*Leonor*—(*fazendo signal com a mão para que não interrompa*). Este juro forte deu a meu sogro esta grande riqueza. Só assim deu elle joias de 40 mil pardáos. Sabe Deus a que necessitados pertenceiam aquellas joias, em as quaes até tenho medo de tocar...

Ora o exigir juro forte importa oppressão do necessitado; porque quem vém pedir emprestimo é porque tem necessidade, e abusar da necessidade do proximo, para exigir d'elle juro avultado, importa um peccado grave que Deus Nosso Senhor, que é summamente justiceiro, não perdôa até aos descendentes do usurario.

Sabes que o nosso babá nos deixou, ha 6 annos, levando comsigo toda a fortuna que o pae lhe deixára, para augmental-a com o commercio; e de

quem ainda até hoje não temos noticia.

Ora depois de tantos annos de ausencia e isolamento, só hoje um presentimento, confirmado por uma aguda pontada no coração, me annuncia que se acabou hoje toda essa riqueza mal ganha e com ella o nosso bom Victor (*soluçando*). Vê meu amigo porque estou de luto.

E' exactamente por isso que te chamára, para te annunciar que estavamos pobres e desamparados para pedir esmola.

"*Pedro*—Pobres? Bahy não dizê, tem joias 40 pardáos?

"*Leonor*—(*fazendo como se não ouvisse*) Vão meu amigo, vão á cosinha (*recolhe-se ao quarto da esquerda, entretanto Pedro dirigindo-se á platéa*).

"*Pedro*—Bahy tem pobre? Bahy pedi esmola? Não. Bahy não tem pobre. Bahy não tem Pedro? Não tem dois bois? Pedro trabalhá, trabalhá para bahy (*retira-se*).

Scena 3a.

"*Leonor*—(*entrando com o cofre de joias na mão*). Não; bahy não tem pobre! diz o innocente Pedro... coitado, nada comprehende e, por isso mesmo, é mais feliz do que eu... Aqui tenho 40 mil pardáos que meu sogro me deu e o meu Victor não m'os tirou... Mas de que me servem elles? de que? Posso, porventura, tirar um só d'estes trastes para minhas necessidades que estão em perspectiva? Não... Nem ao menos sinto coragem para tocar em uma só de tantas e (*abrindo o cofre*) tão valiosas joias... Não, mil vêzes não. Sinto que as lagrimas de sangue que devem ter vertido seus originarios possuidores, dão-lhes uma côr vermelha e d'um brilho sinistro; brilho que receio, me

queime as mãos, como fogo vivo..... Não; não devo possuir estes trastes, cuja unica applicação util e justa que se me antolha é: a de empregal-as todas em actos de caridade, que é a unica que poderá desarmar a ira de Deus e, reunindo as almas de meus sogros e de meu infeliz Victor valer-me amim tambem n'esses transes de agonia lenta, mas certa.

Scena 4a.

(*Truz, truz,... ouve-se bater a porta*).

"*Leonor*—Quem é?

"*Fr. Manuel*—(*de fóra*) Um humilde creado de V. Exa., um pedinte!

"*Leonor*—Deus de bondade infinita, alluminae-me com a vossa graça (*recolhe a pressa o cofre e voltando*) Entre!

"(*Entra Fr. Manuel com habito de carmelita descalço e sacola ás costas*).

"*Leonor*—Que quer meu bom padre? (*com doçura*).

"*Fr. Manuel*—Senhora! Da vossa caridade depende a conclusão da obra do convento que a minha ordem, a de carmelitas descalços, quiz levantar e que está em meias, porque esgotaram-se os recursos que a esmola havia reunido. A caridade, Senhora, esta filha predilecta do Céo, póde muito perante o Omnipotente. V. Exa., além de conseguir abundantes graças celestiaes, fará remir as culpas de qualquer de seus illustres antepassados que estejam penando no purgatorio pela indevida acquisição dos bens de fortuna terrestre (desculpe-me V. Exa. a supposição) porque diz a escriptura = non tolitur peccatum, nisi restituatur ablatum = e não é só subtraindo alguma cousa que se incorre na restituição; um medico que

sem estudar e sem definir uma doença encarrega-se do tratamento; o advogado que formula requerimentos e articulados sem estudar a fundo a questão ou demanda; o funccionario publico cabula ou preguiçoso que julga-se desobrigado comparecendo na repartição, sem trabalhar assiduamente durante as 6 ou 7 horas a que está obrigado; o ganha-pão, etc., todos roubam. E, no meu fraco modo de pensar, até mesmo um rico, illustrado ou não, que passa em ocio o seu tempo, simplesmente, porque não precisa de trabalho para viver, incorre na restituição para com a sociedade, que tem direito de exigir d'elle o trabalho na proporção de sua capacidade physica ou intellectual.

Ora, dar aos pobres, praticar uma obra pia, ou fazer qualquer d'estas esmolas com semelhante intuito importa restituir; porque, assim se entrega a Deus que sabe fazel-a chegar áquem é devida ou áquem a merece. Espero, Senhora, que V. Exa., apezar de os seus illustres antepassados não terem adquirido assim os seus bens de fortuna, como estou certo que fizeram, por alta piedade que vejo estampada na angelica physionomia de V. Exa. que é sua digna herdeira não deixará de concorrer com alguma esmola para o fim pio que proponho. Esmola, Senhora, por amor de Deus! (*extendendo a mão em attitude supplicante*).

"*Leonor*—Espere, sr. Padre (*vae buscar o cofre de joias e, voltando-se e dirigindo uma vista supplicante á imagem de N. Sra. do seu oratorio, resolutamente o entrega ao padre dizendo*) Aqui tem meu padre um valôr real de 40 mil patrãis em joias; empregue-o na conclusão do seu convento; e o que sobejar dê em esmola aos pobres para que orem pelas almas de meus sogros e espôso.

"*Fr. Manuel*—Obrigadissimo Sra., Deus lhe ouça as preces e Elle lhe pague tamanho bem que

faz ao nosso convento que terá gravado sempre nos seus annaes o nome da Sra.?

"*Leonor*—Leonor Gonsalves de Gouvêa.

Fr. Manuel—Da Sra. D. Leonor Gonsalves de Gouvêa, como a maior benfeitora de sua ordem... Permitta, Sra. que leve já esta feliz nova aos meus superiores que eternamente bemdirão o nome de V. Exa.

"*Leonor*—Adeus meu padre, Deus seja comtigo. (*sahe Fr. Manuel, levando na sacada o cofre e D. Leonor, voltando-se ao genuflexorio, ajoelha bruscamente*) Graças vos dou meu Deus, não só por me haverdes inspirado este tão humanitario pensamento, mas tambem pelo prompto ensejo que me offerecestes para poder, com firmeza, concluir a resolução que havia tomado e que, com o tempo, talvêz se arrefecesse, attentas as infinitas necessidades que me esperam assaltar e para as quaes peço remedio na efficaz resignação (*recha-se o pano*).

ACTO 2.º

Scena 1a.

(*Abre-se o pano—Leonor sentada no escriptorio continua a carta começada...toca 3 vêzes, com bons intervallos, a campainha, até que o relogio dá meio dia—apparece na porta Pedro*).

"*Pedro*—Baby tá chamá?

"*Leonor*—Sim Pedro (*voltando-se para elle que tinha o fato borrifado de lama*) onde sujaste o fato? Estivesto no campo?

"*Pedro*—(*embaraçado*) Não; aqui mesmo; cá foi no visinho João.

"*Leonor*—Bom. Conheceu o piloto da barra

Antonio?

"*Pedro*—Sim, senhar.

"*Leonor*—Pois, á noute, quando elle voltar, lembra-te de levar-lhe esta carta que ha 40 dias começára a escrever e que amanhã deve ir por um barco que parte, como me disse o piloto, para Baçaim.

"*Pedro*—Sim bahy (*Leonor entra na camara entretanto Pedro voltando-se para a platéa*).

Pedro—Diabo, ella notou!! Que querê fazê? Não tem arrôz para jantar...bahy não querê vendêr nada...fica vergonha.

Leonor—(*entrando*) Não foste? Não te esqueças de levar a carta.

"*Pedro*—Sim bahy (*sahe*).

"*Leonor*—Pobre Pedro! Que alma nobre! A julgar pelas nodoas que traz no fato, creio que foi lavrar o campo com bois para me sustentar; e ainda não se queixou de que havia falta na dispensa. Que nobre coração!! Que dedicação!!

Scena 2a.

"*Leonor*—(*entrando com o estojo de costura na mão*) O' minha santa mãe? Que previsão a tua? Como, porque fino instincto chegaste a prevêr que as lições de desenho e bordados que me quizeste dar, a despeito das admoestações de meu pai que mais me queria vêr illustrada pelos livros, do que pelo trabalho? Como pudeste prevêr que isto me havia de ser necessario e não aquella leitura de livros? De que me servem elles hoje? de que? Ao contrario de quanto proveito me não teria sido todo este tempo que gastei na desmoralisadora leitura de romances, se o tivesse empregado nos bordados que com tanta perfeição me ensinaste? Aqui está (*abrindo o estojo*) este estojo que fizera part e

de minha corbeille nupcial, simplesmente como objecto de adorno e no qual nem ao menos tocára ha 6 annos. Hoje é elle quem me vae sustentar... Oh! Que prazer é este (*levando mão ao peito*) que antecipadamente sinto, só de pensar que d'aqui em diante vou viver do producto do meu trabalho? Que orgulho que sinto? (*tira o debuxo e desenha o pano para bordar e levanta-se*) Quão depressa me cançou isto?! Não importa; é a falta de habito que com o tempo heide adquirir e então veremos quem vence, se a fadiga ou a vontade. Entretanto deixe-me concluir a carta que deve partir amanhã (*vae ao escriptorio*).

Scena 3a.

"*Antonio*—Dá licença minha Senhora?

"*Leonor*—Entre sr. Antonio. Que novidades ha? Veio algum barco? Ha noticias de Victor?

"*Antonio*—Não Senhora; noticias positivas do sr. Victor não as ha, mas um barco que entrou na tarde de hontem sabe só dizer que perdeu-se nas alturas de Ceylão uma embarcação carregada de mercadorias e que da tripulação e passageiros todos, puderam ser salvos só 5 que tem sido desembarcados em Chaul.

"*Leonor*—Sabe dizer os nomes dos que desembarcaram em Chaul? ou pelo menos do mercador á quem pertencia a fazenda?

"*Antonio*—Nada mais sabe; diz, porem, que melhores informações dará um outro barco que deve chegar d'um momento para outro.

"*Leonor*—Quantos dias haverá aconteceu este naufragio?

"*Ant.*—Isto sim; haverá, disse elle, 35 a 40 dias.

"*Leonor*—Exactamente. Pois, meu amigo, fará

 739-81

amim um grandissimo favor, se puder trazer á minha presença um tripulante do barco que está por chegar, que saiba dar-me esclarecimentos minuciosos do naufragio: Entretanto fica a carta que prometti mandar para depois da entrada d'esse barco.

"*Ant.*—Sim Sra. Não faltarão opportunidades; pois apresentam-se muitas embarcações estes dias (*sahe*).

Scena 4a.

(*Leonor vae ao genuflexorio e ajoelhada faz uma fervorosa prece; n'isto abre-se a porta do fundo e apparece Victor*).

"*Victor*—Leonor? Minha Leonor?

Leonor—(*ainda de joelhos volta-se para a porta*) Victor!!! (e fazendo como se procurasse ir ao encontro d'elle cahe sem sentidos ao lado do genuflexorio).

"*Victor*—(*acudindo pressuroso*) Jesus!! Leonor? minha Leonor? minha vida? Meu Deus!!! accuda-me!! (*tira de algibeira um vidro de sais e dá de cheirar a Leonor que abre os olhos e toma uma grande respiração e elle põe-na na cadeira*),

"*Leonor*—Victor? meu Victor? Es tu? Perdôa a tua Leonor que te tomou por morto e peccou contra te. Perdôas-me? Sim?

"*Victor*—Que fizeste!! (*sentando-se na cadeira fronteira*).

"*Leonor*—Perdôa-me que tomando-te por morto, porque não me escrevias ha 6 annos, offereci todas as joias que nosso papá me déra para concluir a obra d'um convento que estava em construcção. Entendi que, sem te, eram-me desnecessarias taes joias...nem as podia usar, nem as podia vêr. Perdoas-me sim? meo bom Victor?

739-82

"*Victor*—Sim, minha querida. Não só perdôa-te mas approvo o que tu fizeste e, se tu não houveras adiantado n'esta obra, eu a teria consummado. Pois, ouve agora, minha querida, o que me tem acontecido durante a ausencia de 6 annos—Mas ai! Tu estás mal; socega, toma alguma refeição que d'isto fallaremos com mais vagar.

"*Leonor*—Não...diz-me, meu caro, tudo d'uma vêz e agora mesmo, que ouvir-te fallar faz-me um grande bem. (*entretanto Victor corre a campainha e toca-a e apparece Pedro*).

"*Pedro*—Senhor!!! Babá!!!

"*Victor*—Sim; eu mesmo, meu Pedro—Mas vae já traz um caldo a bahy.

"*Pedro*—Sim Sr...caldo...sim...leite é mais mior...

"*Leonor*—Sim Pedro; traz-me uma chavena de leite.

"*Pedro*—Sim bahy...logo tá trazê (*vae buscar leite a pressa; entretanto Victor vae passear a casa*).

"*Victor*—Dae-me licença, minha querida, não é sim? Deixa que mitigue as saudades d'estas paredes que as tinha insupportaveis (*entra Pedro com chavena de leite e sahe Leonor toma-a pausadamente*).

Scena 5a.

Ant.—Parabens Sra. D. Leonor! Venho a pressa dar a V. Exa. uma nova muito feliz.. O sr. Victor já está em Gôa. Constou-me isto n'este momento na doka e venho a correr dar a V. Exa. esta agradavel nova.

"*Leonor*—Obrigada sr. Antonio; o meu Victor já está em casa.

"*Ant.*—Já?

"*Fr. Manuel*—Dá licença minha Sra.=Pax huic domui et omnibus habitantibus in ea=Parabens Sra. Constou-nos na nossa congregação que

739-83

Deus Nosso Sr., ouvindo as preciosas preces de V. Exa., já lhe tinha restituido, são e salvo, o Sr. Victor, digno espôso de V. Exa., por isso venho aqui felecitar a V. Exa. e visitar o illustre viajante em nome de minha ordem.

Scena 6a.

(*Entra Victor e Leonor faz a apresentação de Ant. e Fr. Mel.*)

"*Victor*—(*cumprimentando ao Pe. e a Antonio*) Queiram sentar-se.

"*Leonor*—Estou prompta, meu amigo para ouvir-te. Conta-me logo que estou soffrega.

"*Victor*—Em poucas palavras vou por-te ao facto do que me aconteceu. Desde que sahi de Gôa tão má estrella me perseguira que em todo o commettimento sahira mal; em empresas, aliás com todas probabilidades de exito, sem uma só contraria, sahia mal; e para maior desespero meu, nem uma carta tua em resposta a tantas, nem sequer uma noticia avulsa de tua saude. Até que, emfim, ha exactamente 40 dias hoje, estando de viagem de Ceylão para Bombaim, a tempestade colheu-nos as 10 horas de noute; o nosso barco sem velame, nem mastreação sossobrou. Ignoro o que se passou depois por alguns dias, até que um barco costeiro nos desembarcou, amim e a mais 4 companheiros, em Chaul, d'onde, outro igual barco e por igual caridade, me trouxe até aqui.

Eis, minha querida a minha triste historia.

E sabes a razão de toda esta desgraça que nos persegue? E' a procedencia de toda aquella riqueza que meu pae accumulou e, á qual Deus summamente justiceiro não podia permittir outro destino melhor. Estamos pobres, é verdade, porém mais vale assim. Pediremos esmola de porta em porta que a pobreza não é vileza.

739-84

"*Leonor*—(*com emphase*) Sr., meu Victor; pediremos esmola que estou prompta!

"*Pedro*—(*que momentos antes apparecera na porta e ouvira as ultimas palavras de Leonor*). Não sr. meu amo não pedi esmola. Cá tem seu Pedro...trabalhá trabalhá e ganhá.

"*Leonor*—(*voltando-se surpresa ao Pedro, corre e abraça-o*). Obrigada meu amigo!

"*Pedro*—(*chorando de emoção*). Que tá fazê bahy!...que tá fazê (*procurando desembaraçar-se do amplexo*)

"*Fr. Mel.*—Vêde Srs. 2 virtudes abraçadas.

"*Victor*—Oh! Que grandes almas!!

"*Fr. Mel.*—Oh!! Que nobres almas!!

FIM.